

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O DISCURSO SOBRE AS VIOLÊNCIAS  
NO GRUPO DE RAP  
RACIONAIS MC'S**

**Isabel Cristina Augusto de Jesus  
Porto Alegre  
2009**

Isabel Cristina Augusto de Jesus

**O DISCURSO SOBRE AS VIOLÊNCIAS  
NO GRUPO DE RAP RACIONAIS MC'S**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS, DA FACULDADE DE DIREITO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE.

Curso de Mestrado em Ciências Criminais  
Área de Concentração: Sistema Penal e Violência  
Linha de Pesquisa: Criminologia e Controle Social

Orientador: Salo Carvalho

Porto Alegre  
2009

Isabel Cristina Augusto de Jesus

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**J58d** Jesus, Isabel Cristina Augusto de

O discurso sobre as violências no grupo de rap Racionais MC's. /  
Isabel Cristina Augusto de Jesus. – Porto Alegre, 2009.

200 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Criminais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Salo Carvalho

1. Direito Penal. 2. Criminologia. 3. Violência. 4. Política Criminal. 5.  
Exclusão Social. 6. Hip Hop (Movimento Cultural). 7. Rap (Música). 8.  
Racionais MC's. I. Carvalho, Salo. II. Título.

**CDD 341.5**

**Bibliotecária Responsável**

Anamaria Ferreira

CRB 10/1494

**O DISCURSO SOBRE AS VIOLÊNCIAS  
NO GRUPO DE RAP  
RACIONAIS MC'S**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Curso de pós-graduação em Ciências Criminais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela comissão formada pelos professores:

Orientador \_\_\_\_\_

Prof. Salo de Carvalho

\_\_\_\_\_

Prof.

\_\_\_\_\_

Prof.

\_\_\_\_\_

Prof.

Porto Alegre, 18 de setembro de 2009.

*Agradeço a*

Meus filhos, Breno Augusto Santos e Bárbara Augusto Santos, pela compreensão e apoio quando não pude estar presente.

Doutor Salo Carvalho, pela paciência com sua aluna.

Dr. Rogério Schietti, então Procurador Geral do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, bem como a todo o Conselho Superior do MPDFT que permitiram meu afastamento das atividades funcionais.

Dr. Leonardo Bandarra, atual Procurador Geral do MPDFT, pelo apoio sempre certo.

Raquel Pereira, Elma Campos e todos os demais amigos que me ajudaram a não desistir dessa empreitada.

A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL

Chegou fim de semana todos querem diversão  
Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro

São Paulo

Zona Sul

Todo mundo a vontade calor céu azul

Eu quero aproveitar o sol

Encontrar os camaradas prum basquetebol

Não pega nada

Estou à 1 hora da minha quebrada

Logo mais, quero ver todos em paz...

**Fim de semana no parque**

*Racionais MC's*

## SUMÁRIO

Resumo/Abstract.....	07
Introdução.....	08
Capítulo I	
ARTE: UMA FORMA DE CONHECER	
1. Ciência e seus postulados.....	12
2. O Pensamento Criminológico.....	22
3. Sociedade e Cultura.....	36
4. Arte.....	40
5. Música.....	51
6. Indústria Cultural.....	42
7. Conclusão.....	64
Capítulo II	
HIP HOP – ARTE DE OUTSIDERS	
1. Hip Hop e Exclusão.....	48
2. Hip Hop – Origem e Expressões.....	77
3. O Rap e o Capão Redondo.....	83
4. Especulações sobre os Músicos e o Público do Rap.....	93
5. Conclusão.....	96
Capítulo III	
VIOLÊNCIAS E AS LÍRICAS DO RAP	
1. Algumas Violências.....	98
2. Juventude e Violência.....	112
3. Discurso do Rap.....	117
Conclusões.....	157
Anexo I	
Discografia.....	161
Anexo II	
Letras dos Raps.....	162
1. 500 Anos.....	162
2. Capítulo 4 Versículo 3.....	163
3. Da Ponte Pra Cá.....	166
4. Homem na Estrada.....	168
5. Diário de Um Detento.....	171
6. Meninos de Rua.....	174
7. Negro Drama.....	175
8. Voz Ativa.....	182
9. Negro Limitado.....	185
10. Tempos Difíceis.....	187
11. 12 de Outubro.....	188

Referências Bibliográficas.....	191
Bibliografia Eletrônica.....	198

## **RESUMO**

O assunto proposto neste trabalho é buscar descortinar e entender o discurso sobre a violência inserido no gênero musical rap, especificamente nas composições do grupo Racionais MC's, de São Paulo. Questões como a origem, a adaptação, o conteúdo, a linguagem, o ambiente e a difusão do rap no Brasil são elementos de informação e de referência para melhor compreensão das mensagens contidas nas letras do rap. Considerado arte urbana típica da pós-modernidade, o rap é tido como a voz da periferia dos grandes centros urbanos, a voz que denuncia múltiplas variações de uma violência destinada particularmente contra negros e pobres.

Palavras-Chave: Hip Hop, Rap, Racionais MC's, Violência, Exclusão Social, Favelas, Racismo, Pobreza

## **ABSTRACT**

The subject considered in this work is to search to disclose and to understand the speech on the inserted violence in the musical sort rap, specifically in the Rational MC's group compositions, of São Paulo. Questions as the origin, the adaptation, the content, the language, the environment and the diffusion of rap in Brazil are elements of information and reference for better understanding of the messages contained in the letters of rap. Considered typical urban art of after-modernity, rap is had as the voice of the periphery of the great urban centers, the voice that denounces multiple variations of a violence destined particularly against blacks and poor persons.

Key words: Hip Hop, Rap, Racionais MC's, Violence, Social Exclusion, Ghetto, Racism, Poverty

## INTRODUÇÃO

Amanheceu com sol, dois de outubro  
Tudo funcionando, limpeza, jumbo.  
De madrugada eu sinto um calafrio  
Não era do vento, não era do frio.  
Acerto de conta tem quase todo dia  
la ter outro logo mais, eu sabia  
(Diário de um Detento - Racionais MC's)

O presente estudo tem como tema o discurso sobre a violência expressa no Rap, nas composições da banda Racionais MC's. Esse tema nos chamou a atenção pelo conteúdo das mensagens inclusas nas letras dos raps, bem como a atualidade das vivências sociais retratadas que decorrem de uma ambientação onde os seres humanos são relegados à exclusão econômico-social, segregação racial e à invisibilidade.

No intuito de justificar o tema da arte Hip Hop, da qual o rap é um dos elementos – o mais proeminente, diga-se – dividimos esta dissertação em três capítulos. A primeira parte tratou da ciência moderna enquanto campo de saber no qual o discurso do poder e da ordem alijou os saberes que não se adequavam aos seus parâmetros. Assim buscamos confrontá-la numa visão voltada para os demais campos da produção cultural. Como sustentáculo do projeto da modernidade, a ciência e a tecnologia prometeram ao ser humano felicidade e o fim de suas angústias. No entanto, promoveu um desencantamento do mundo, além do que a atualidade mostrou que tal promessa não é passível de cumprimento. A construção da modernidade, no afã em cientificizar o mundo, rebaixou a arte classificando-a como atividade humana desprovida de importância enquanto manifestação do conhecimento e do sentir humanos. Este ponto é ressaltado por críticos da modernidade, cabendo citar Nietzsche e Adorno. Assim utilizamos a crítica de Nietzsche referente à ânsia de uma verdade absoluta pelo pensamento moderno, ao ponto de esvaziar a espontaneidade da arte para, ao final, situá-la como produto da experiência vivencial dos seres humanos que muito tem a ensinar.

Em conformidade com Adorno, para quem é fundamental a separação da arte popular – surgida espontaneamente em determinadas cartografias sociais – de uma arte massificada (arte menor), produzida pela indústria cultural, realçamos que a arte é uma fonte de conhecimento, cuja autonomia lhe é imamente *para ser arte*. Essa autonomia deve ser entendida como um abstrair-se da sociedade para livremente se

expressar. Em sua teoria sobre a estética, cuja abordagem adotamos como concepção de arte, Adorno deixa claro que, mesmo autônoma, a arte é fato social e, devido a sua existência dentro da cultura, é que se tornou uma forma de conhecimento apto para, enquanto espelho da sociedade, mostrar as faces desta e propiciar a sua crítica visando sua superação.

Dentro dessa primeira parte também relacionamos o pensamento criminológico, primeiramente fulcrado na ciência moderna, traçando uma rápida evolução de suas construções. Neste ponto nos dedicamos a um resumo superficial de suas primeiras escolas, que embora fosse dispensável, incluímos apenas para mostrar a influência de toda a ciência moderna nesse campo de estudo. Após estudamos o interacionismo e, principalmente, o estudo de Becker sobre os *Outsiders*. Após pincelamos sobre a criminologia crítica e a corrente atual denominada criminologia cultural.

Cumpramos ressaltar que a linha crítica da criminologia contribuiu para uma compreensão do conceito do desvio, dos processos de criminalização, do criminalizado e da violência, principalmente quanto à violência dos próprios processos criminalizantes. O assunto nos parece importante em vista da percepção, no imaginário social, de que vivemos numa era de insegurança e violência sempre atribuídas aos grupos marginalizados, aqueles excluídos dos benefícios do Estado e do mercado globalizado. O debate sobre tais assuntos geralmente termina por atribuir ao controle social, mais exatamente ao controle penal, o poder de solucionar a sensação de insegurança e de diminuir os índices de violência. No entanto, não se indaga como esta intervenção é sentida por aqueles que são designados para suportá-la, bem como por aquelas comunidades cujo cotidiano é de violências quer reais quer simbólicas.

A compreensão dos mecanismos do controle penal enceta a busca de outros conhecimentos capazes de fomentar o debate e a crítica a estes mesmos mecanismos. Sem dúvida, trabalhar com temas ligados a arte é um desafio, principalmente quando esta é vinculada à questão da violência e utilizamos a expressão musical como objeto de estudo. Além disso, os aspectos possíveis para tratar o tema são inesgotáveis e vão desde a estética propriamente até a psicanálise, refugindo ao objeto abordado nesse trabalho. No entanto, a arte é capaz de trazer elementos novos para esses debates porquanto, consequência do trabalho social, a arte é uma forma de conhecimento da realidade. Objetivamos refletir sobre os modos como a arte, principalmente dos grupos *outsiders*, se converte em objeto de políticas criminalizantes visando o atendimento dos

interesses dos grupos hegemônicos e de sua indústria cultural desejante do monopólio sobre os produtos culturais, inclusive os transformando em entretenimento consumível. Não descaramos que a *mass media* converteu todos os aspectos da vida cotidiana em espetáculo, exibindo cenas de violência de rua como materialização do mal, explorando o sentimento de insegurança do espectador-consumidor e instigando seu ressentimento. Ao mesmo tempo, oferece uma resposta ilusória ao clamor midiático por mais punições, restrições aos direitos dos cidadãos, enfim, fomentando a cultura do medo em detrimento inclusive da espontaneidade da cultura popular.

Nesse contexto trabalhamos introdutoriamente a cultura, a arte e a música, onde acrescentamos a crítica de Adorno sobre a arte enquanto objeto mercantilizado apropriado pela indústria cultural (arte menor). Seguindo este pensador, concluímos que a arte é o campo mais propício para a crítica social, principalmente no que se refere à música popular. Além disso, a arte popular se tornou o veículo mais utilizado para trazer à visibilidade segmentos populacionais sujeitos às diversas violências, mesmo que momentaneamente. Some-se a isso que a arte tem vigência e ação no espectador independentemente de quem seja seu criador. O espectador se identifica com a obra artística, conforme Freud, permitindo a expressão de seus sentimentos, angústias e incertezas. Indubitavelmente o rap não só promove uma catarse para os grupos minoritários como, igualmente, permite despertar em seu ouvinte a conscientização a respeito dos problemas sociais retratados nas líricas, vindo até a convocá-lo para formar e firmar sua identificação social de maneira positiva, rejeitando os rótulos e estigmatizações que foram preconceituosamente impingidas nesses grupos.

No segundo momento desse estudo e seguindo as diretrizes propostas acima, tratamos do Hip Hop enquanto movimento cultural e artístico de grupos minoritários que, desde sua origem nos guetos norte-americanos, abriu espaço para a mobilização e conscientização dos jovens negros e pobres os quais foram destinados à criminalização, desamparo, violência real e simbólica – enfim, tanto a morte social quanto seu ápice, a morte física. O rap é um estilo musical originário do rock, jazz e soul. Assim fizemos breves paralelos entre o jazz, por se tratar de uma música de protesto, surgida num contexto social de exclusão e segregacionismo, com o rap. Ressaltamos que a forma de composição das duas formas musicais é totalmente diversa, contudo certamente nos chamou a atenção os contextos sociais e as propostas de ambas, conforme mostrado no trabalho de Hobsbawm.

No seu contexto narrativo, o rap apresenta parte da história de um Brasil oculto, real, longe da cidade *asfaltada*. Sua arte é meio de informação e difusão de uma realidade social em que a violência e exclusão formam o pano de fundo para a tragédia humana. Por outro lado, o rap é um meio de afirmação da identidade social e da história daqueles grupos que são retratados nas letras musicais, tendo se transformado numa das marcas culturais desses segmentos sociais. O rap conta o cotidiano, a vida de seus atores enquanto pessoas reais, mostra sem pudor o descaso, a violência, a dor suportados para que a sociedade estabelecida permaneça.

Por fim, buscamos situar a violência, discorrendo sobre ela a partir das visões dos autores pesquisados e privilegiando as líricas selecionadas. Assim, falamos de violência real traduzida como a violência contra o corpo e de violência simbólica, enquanto reforço ou manutenção do vitimado em sua situação, sem condições de promover por si qualquer mudança na distribuição dos fatores diferenciais de poder. Também distinguimos a violência institucional perpetrada pelo Estado da violência de massa ou de rua. Esta última expressa o desespero e se volta contra o corpo seja de seus iguais seja daqueles que estão ocupando posições sociais real ou aparentemente privilegiadas. Dessa forma, passamos a apontar as diversas violências narradas no rap dos Racionais MC's. Ressalvamos que nos voltamos para a violência real e de massa porque ela é a constante mais perceptível no cotidiano dessas comunidades excluídas e que estão segregadas na favela, servindo de motivo para a produção de espetáculos manipulados pela mídia.

De forma alguma ignoramos que a violência também faz parte dos segmentos estabelecidos da sociedade. Também, desde os estudos de Sutherland, sabemos que o desvio – o delito – por ser uma conduta qualificada como tal, ocorre em todos os segmentos sociais. No entanto, nossa escolha recaiu sobre a violência narrada no rap e, especificamente no grupo Racionais que, prevenimos, está associado à comunidade do Capão Redondo. Por esse motivo, e só por ele, nos voltamos mais para a violência real e de rua, inserindo-a como consequência da desequilibrada distribuição dos fatores de poder na sociedade brasileira. A violência tanto quanto o desvio fazem parte da vida social, inclusive representando certas funcionalidades. Não são fenômenos exclusivos de um ou outro segmento, pelo contrário, estão distribuídos em todos eles. Porém, nesse estudo se focou a violência que vitima as populações deixadas à margem do sistema político, social e econômico.

Queremos esclarecer que nos preocupamos em manter o afastamento de posições moralizantes sobre o conteúdo das letras e, principalmente, tentamos escapar da lógica criminalizante que define as líricas como um discurso apologético ao delito. Pelo contrário, entendemos que tanto o rap quanto o funk nos mostram realidades que, embora não sejam desconhecidas, são ignoradas. Mostra a nós um país fulcrado nas discriminações econômicas e raciais: uma sociedade que, longe de ser solidária e democrática, é autoritária e violenta além de racista.

Chamamos a atenção para uma constante do movimento hip hop, qual seja, o sentido de responsabilidade dos *rappers* na produção de discursos que levem à conscientização as populações excluídas, ajudando a formar uma identidade social e individual positiva, abandonando os estigmas a que negros e pobres estão submetidos. Em Caetano Veloso, a crítica ao racismo se alia à exclusão econômica e social: *aos quase brancos pobres como pretos/ como é que pretos, pobres e mulatos/ E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados*. Essa constatação é presente na atualidade social brasileira, o que não foi descuidado nesse estudo. Nessa linha, as violências, a invisibilidade e o silenciamento foram aliados à globalização neoliberal, pois todo discurso existe dentro de seu momento histórico e, este por sua vez, é condicionado por variados fatores inclusive o dado econômico.

Queremos esclarecer que o material utilizado na pesquisa se constituiu das obras bibliográficas citadas, bem como da discografia do grupo Racionais. No que diz respeito às letras, selecionamos dez líricas ao todo, sem considerar a data de lançamento de seus álbuns. Nossa escolha se baseou na separação em temáticas relacionadas com a violência e considerou alguns raps mais famosos como **500 Anos**, **Homem na Estrada** e **Diário de um Detento**, este último ganhador de prêmios. Toda a separação das letras visou mostrá-las conforme os temas abordados, isto é, conforme as faces da violência que se procurou mostrar no curso da dissertação. Assim parte-se da violência estrutural do Estado brasileiro, reproduzidor das mazelas políticas e da desigualdade desde os tempos da colonização.

Neste sentido, passamos pela crítica ao Brasil (Estado e sociedade) quando de seu aniversário de 500 anos. Abordamos a temática laboral, mostrando que a percepção dos grupos marginalizados sobre a mais-valia, a exploração e o engodo do trabalho enquanto fundamento para a ascensão social, não se modificaram muito desde o início do samba, excetuando o período da ditadura Vargas, em que a atividade laborativa era elogiada pelos compositores da época. Abordamos na sequência,

considerando ser um desdobramento da divisão do trabalho, o sistema prisional por ser o escoadouro social primeiro da mão-de-obra excedente e, logo após, do consumidor-falho. Não ignoramos que este sistema é gerador de mais miséria e mais estigmatização até o atingimento do cume de suas finalidades, que perpassam pela eliminação tolerada ou consentida da existência sobeja.

A seguir abordamos a favela como espaço destinado ao enclausuramento das populações *perigosas*, realçando sua função institucional para o exercício e reprodução de um poder assimétrico existente entre as classes sociais no nosso país, conforme os estudos de Wacquant. Também abordamos a discriminação racial como uma das violências mais terríficas, já que silenciada. Apesar dos estudos a respeito, paira o emudecimento sobre o racismo brasileiro, que de mãos dadas com a miséria e pobreza, tem na distinção da cor seu ponto forte. Encerramos as líricas com a temática da infância abandonada, a infância não desejada e que produz mais excedentes humanos.

Por fim, salientamos que os debates no âmbito do controle penal se resignam na manutenção dos limites do Direito Penal e da política criminal, sem cogitar a possibilidade de um diálogo com outros campos do conhecimento. Quando buscam áreas como, por exemplo, a sociologia e a psicologia, o fazem na ilusão de que, por serem ciências, são portadoras da verdade e de um saber privilegiado. De qualquer forma, credita-se a esses saberes a solução para o restabelecimento da vida ordeira. Para confrontar esses pressupostos é que escolhemos a arte como tema de dissertação. Um assunto difícil já que não possui um conceito firme por serem variadas as concepções de arte no decorrer dos tempos, sociedades e círculos artísticos e sociais.

A problemática da arte, principalmente de uma arte *marginal*, causou interesse porque como atividade humana é autônoma, conforme dito alhures. A arte se abstrai do social para que o artista expresse o que ocorre em sua mente. Se não fosse abstração ela se tornaria apenas fruto de trabalho alienado. É nesse silenciamento e nessa recusa de se dissolver numa utilidade, que transversalmente a arte se torna o espelho da sociedade. Dessa forma, a arte nos mostra as diversas imagens da sociedade, revelando não só as coisas belas, mas também, as coisas feias. Mostra o que há de apolíneo como o que há de dionisíaco. Delata a ordem que permeia o caos, o sublime que percorre o monstruoso. Revela os antagonismos existentes na sociedade e as angústias na cultura.

A arte permite aos debates do controle social mudar o prisma pelo qual se enxerga os problemas selecionados. Ela inverte a lógica do pensamento, trazendo à tona a sensibilidade humana que foi esquecida pela produção e mercado. Na arte do rap, enquanto arte popular autêntica, podemos vislumbrar caminhos para o aproveitamento criativo da violência. Para tanto é preciso estar disposto a ouvir, a se sensibilizar pela arte, pela música e seu ritmo. Mister entender que a arte é uma forma de conhecer o real e dele participar inclusive modificando-o.

## CONCLUSÕES

A ciência moderna permitiu ao ser humano o conhecimento sobre a natureza e os enigmas que o cercava. Promoveu o surgimento e expansão da tecnologia que facilitou e prolongou a existência. Contudo, fomentou um pensar limitado pelos seus postulados, incrementou uma busca pela verdade absoluta do mundo ao ponto de desencantá-lo. Excluiu seres e saberes que não se adequavam a sua bela imagem, afinal, *Narciso acha feio o que não é espelho*. Desse modo ao lado de conquistas inéditas, a ciência exauriu o planeta ao tempo que domesticou o ser humano, neurotizando-o.

Como decorrência das diversas questões surgidas em virtude das conquistas científicas aparece críticas aos seus pressupostos. A ciência, que narcisicamente ocupou todos os campos do saber, começou a perder espaço para outros campos do conhecimento chamados ao diálogo com as atividades do espírito porque a criatividade humana se inquieta com limites rígidos ao seu exercício. Seja como for, a busca de respostas às promessas não cumpridas pela ciência e pela ordem social-política da modernidade resultaram na procura de espaços para sua expressão e respostas para suas demandas.

É nesse encadeamento de idéias que se trouxe à colação a filosofia nietzschiana. Primeiramente pelo seu brilhantismo e ousadia em romper com a filosofia tradicional, o que não poderia ser estudado nesse trabalho. Ademais, porque é ela que coloca em xeque o narcisismo da ciência e da ordem auto-imaginadas como belas, perfeitas, verdadeiras, justas. Em seguida é ela que contrapõe a arte à ciência e sua *histeria*. A arte é colocada como experiência humana imprescindível para o pensar *em si mesmo* e para o pensar sobre os problemas humanos individuais e sociais. A arte é re-encantamento de um mundo que se viu coisificado pela ciência e que, no momento atual, se vê esvaziado pelo mercado. A arte é o sublime do humano principalmente quando espelha o horrendo.

Evidentemente aquela ciência narcisista alheia ao mundo e a si mesma, mas vitoriosa e feliz em alguns aspectos, deixou suas marcas em outros espaços sociais. Um deles é o campo da criminologia que na pretensão de se tornar ciência (algo de belo, de bom, de justo e de verdadeiro) se amoldou aos postulados científicos. É dessa forma que o delito se converte em ente e o quem o cometia se transformava em *o mal*. No entanto, a medida que a ciência sofria suas contestações seja pelos trabalhos de Heisenberg ou

Einstein, seja pela obra de Freud, ou ainda os trabalhos acerca das relações de poder de Foucault, surgiam novas investigações que culminaram na comprovação de que o delito e a violência são construções social e humana. Não há um mal. Tanto quanto violência e delito são conseqüências das configurações sociais, isto é, frutos da sociedade e da cultura.

Alias, inserida na cultura e como expressão desta, a arte é um dos veículos propícios para a crítica social. Por meio dela se conhece algo do real. E, ante o conhecer, quiçá inspire o ser humano para a genuína liberdade já que ele *está condenado à liberdade*, conforme propagava Spinoza. Daí porque a importância da teoria adorniana acerca da estética já consegue entender a arte como atividade do espírito humano, abstrata e autônoma, sem descurar de sua faticidade. Mais que isso, Adorno promove a crítica relativa à mercantilização e empobrecimento de uma arte que sucumbe ao utilitarismo decorrente do modo de produção das riquezas. Queremos excepcionar que as observações de Adorno ainda são atuais na pós-modernidade que se baseia na sociedade de desejos dirigidos ao hiperconsumo.

No que diz respeito à música, é uma linguagem universal capaz de expressar o sentido mais profundo da vida. Ela revela a essencialidade do mundo. Para Nietzsche, a música é uma arte dionisíaca por traduzir diretamente a dor e o prazer de querer a vida. Na música se encontra o arrebatamento da melodia com a harmonização da palavra, permitindo que *se saia e se volte a si*. Fisher afirma o poder da música para embriagar a suspender o discernimento tanto quanto para habitar o pensamento crítico.

Adorno elabora sua análise da música entendendo-a como manifestação do instinto humano, mas ressalta ser uma forma de apaziguamento devido ao seu poder disciplinador. Neste sentido, exacra a música comercializada que encanta mas aliena, reforçando a supressão da liberdade na medida em que produz um prazer de fachada desobrigando o ouvinte a pensar. Absorvida pela indústria cultural, a música se torna uma arte menor, que reproduz os idéias e valores hegemônicos, colaborando com a duplicação do sistema social. A apropriação dos bens artísticos pelo mercado esvaziou o sentido da arte reduzindo-a a mercadoria. Seu reencantamento é possível com sua autonomia que permite o surgimento da arte autêntica. Assim, a música tornada ritual pelo silêncio do ouvinte, pode ser resgatada com a introdução do elemento trágico, isto é com o prazer que reflete a dor existencial, habilitando-se para espelhar as contradições da vida contemporânea.

Nesse espelhamento da sociedade, enquanto arte de *outsiders*, o rap cumpre um papel importantíssimo ao refletir o horror e ao promover a denúncia do estado de coisas que vige na sociedade brasileira. Contudo, a promoção da crítica vem acompanhada de atuações que visam a construção de uma realidade diversa. O rap é o elemento musical do movimento cultural Hip Hop que, além de protesto, se dedica na denúncia do abandono e violência social dos grupos minoritários a que teve origem e na formação e regaste de identidades sociais.

Enquanto arte musical o rap, tal qual o jazz, cumpre uma missão social decorrente da ligação com suas origens. Se nos EUA o rap surgiu como arte nos grupos de jovens negros norte-americanos e jamaicanos que moravam nos guetos urbanos, no Brasil surgiu como arte nos grupos de jovens negros e de pobres residentes em favelas – nosso gueto. É nessa condição espacial e social que os pontos principais do discurso do rap giram em torno da violência, da exclusão sócio-econômica e do preconceito racial, que tem raízes no modelo colonial-escravocrata mas que, na contemporaneidade, se intensificam acompanhando a globalização neoliberal.

Nascido na apartação, o rap tematiza o racismo, a violência sobre o corpo expressos no encarceramento e na atuação policial, a execução sumária que ainda é prática corrente nas periferias brasileiras. O rap não se contenta com mostrar as diversas variáveis da violência real, seja perpetrada pelo Estado seja pelo indivíduo isolado. Desse modo, fala sobre as diversas manifestações da violência simbólica. Assim é que diz sobre a invisibilidade das populações marginalizadas, bem como sobre as estratégias de manutenção da exclusão, de reprodução do domínio e de obstaculização das possibilidades relativas à conscientização dos grupos marginalizados, bem como do impedimento da manifestação livre de seu pensamento levado a efeito pelas tendências criminalizantes da arte rap e da cultura Hip Hop. Abrimos parênteses para mencionar que o surrealismo de se restringir e estigmatizar uma arte que não fere, apenas revela. Tal como discorreremos, a utilização dos controles sociais formais, principalmente o penal, para capturar e submeter a arte tem merecido atenção dos estudos da criminologia cultural.

O relato sobre as violências retratadas no rap nos obriga a pensar seu discurso dentro de um contexto mais amplo, que é o da superação do ser humano pelo mercado globalizado e excludente. Esse pensamento não pode ser conformista e nem cair na tentação criminalizante e disciplinadora dos discursos sobre a insegurança social. Como diz Mano Brown, o rap não deveria apavorar por se tratar de uma arte popular

que descortina o real pavoroso. Das líricas dos Racionais se depreende o desespero de parcelas humanas contabilizadas como excedente, as quais se compreendem como vítimas da violência e reagem numa minoria de vezes com atos violentos (violência de massa). Enquanto atores sociais, a consciência de seu desamparo permite formular uma arte em que a violência é motivo para a criatividade, que se volta para a crítica social e resgate das identidades sociais. Essa arte é a manifestação política e social dos atores retratados nas letras, onde a dor não é ocultada, mas exposta. É uma das exposições dos nossos mal-estares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 50 Cent; EX, Kris. **Do Lixo ao Luxo** – Autobiografia do Grande Astro do Hip Hop. Tradução: Abner Dmitruk. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução: Julia E. Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O Fetichismo da Música e o Regresso da Audição**. In: Os Pensadores. Tradução: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Tradução de: Ueber Fetschcharakter in der Musik und die Regression des hoerens. In: Dissonanzen
- \_\_\_\_\_. **Teoria Estética**. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2008. Tradução de: Aesthetische Theorie.
- \_\_\_\_\_. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antonio Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Tradução de: Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente.
- ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e Educação** – Rap é Educação. São Paulo: Summus, 1999.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Do Paradigma Etiológico ao Paradigma da Reação Social: Mudança e Permanência de Paradigmas Criminológicos na Ciência e no Senso Comum**. In: Revista Brasileira de Ciências Criminais. Ano 4 – n. 14. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Ilusão de Segurança Jurídica**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.
- ARENDT, Hannah. **Sobre la Violencia**. Tradução: Guillermo Solana. Madrid: Alianza, 2008. Tradução de: On Violence.
- ARON, Raymund. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. Tradução: Sérgio Bath. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de: Les Étapes de la Pensée Sociologique.
- BARATA, Francis. **La Violencia y os Mass Media – Entre el Saber Criminológico y las Teorías de la Comunicación**. In: Revista Brasileira de Ciências Criminais. N. 29. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.
- BARATTA, Alessandro. Tradução: Juarez Cirino dos Santos. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: Introdução à Sociologia do Direito Penal**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos: Instituto Carioca de Criminologia, 1999.

- BARRAUD, Henry. **Para Compreender as Músicas de Hoje**. Tradução: J. J. de Moraes; Maria Lúcia Machado. São Paulo: Perspectiva, 2005. Tradução de: Pour comprendre lês musiques d'aujourd'hui.
- BAUDRILLARD, Jean. **À Sombra das Maiorias Silenciosas** – o fim do social e o surgimento da massa. Tradução: Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004. A L'Ombre dês Majorités – silencieuses on la fin du social; L'Extase du socialisme.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução: Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de: Postmodernity and its Discontents.
- \_\_\_\_\_. **Globalização**: As conseqüências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Tradução de: Globalization: The human Consequences.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Tradução de: Modernity and Ambivalence.
- \_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Tradução de: Liquid Life.
- \_\_\_\_\_. **Amor Líquido** – sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Tradução de: Liquid Love ( On the Frailty of Human Bonds).
- BECKER, Howard. **Los Extraños** – Sociologia de la Desviación. Tradução Juan Tubert. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1971. Tradução de: Outsiders -
- BERGALLI, Roberto; BUSTOS, Juan; MIRALLLES, Teresa. **El Pensamiento Criminológico**. Vol. I. Bogotá: Temis, 1983.
- BOEIRA, Nelson. **Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção** – crítica social do julgamento. Tradução: Daniela Kern; Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007. Tradução de: La Distinction: critique sociale du jugement.
- \_\_\_\_\_. DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte** – os museus de arte na Europa e seu público. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2003. Tradução de: l'amour de l'art – lês musées d'art européens et leur public.
- BUARQUE, Cristóvão. **O Que é Aparição** – O Apartheid Social no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARVALHO, Salo. **Antimanual de Criminologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortês, 1997.
- COELHO, Teixeira. **O Que é a Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- COLI, Jorge. **O Que é a Arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DAMATTA, Roberto. **O Que é o Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Relativizando** – uma introdução à antropologia social. 6. ed. São Paulo: Rocco, 2000.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução: João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Tecnoprint, sem data. Tradução de: Discours de la Méthode.
- DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. **Criminologia - O Homem Delinqüente e a Sociedade Criminógena**. Coimbra: Coimbra, 1992.
- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche a Música**. São Paulo: Unijuí, 2005.
- DIOGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência** – Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 2008.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Tradução: Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Tradução de: Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire.
- ELIAS, Nobert. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2005. Tradução de: What is sociology?
- \_\_\_\_\_. SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders** – Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Tradução de: The Established and the Outsiders: A sociological Enquiry into Community Problems.
- ENDO, Paulo César. **A Violência no Coração da Cidade** – Um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2005.
- FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Orgs.). **Reflexões Sobre a Violência Urbana** – (In) Segurança e (Des) Esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- FERREZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.
- FERRI, Enrico. **Princípios de Direito Criminal**. Campinas: Bookseller, 1996.
- FIALHO, Vania A. Malagutti da Silva. **Hip Hop Sul: Um Espaço Televisivo de Formação e Atuação Musical**. Dissertação de mestrado defendida em abril de 2003, no programa de pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Tradução: Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Tradução de: Von der Notwendigkeit der Kunst.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Tradução de: L'Archéologie du Savoir.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Tradução de: L'ordre du discours.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Organização, tradução: Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno & a arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. **Espaço Urbano e Criminalidade: Lições da Escola de Chicago**. São Paulo: IBCCRIM, 2002.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2002. Tradução de: Das Unbehagen in der Kultur.
- \_\_\_\_\_. **Psicanálise dos Tempos Neuróticos**. Edimax, sem data.
- \_\_\_\_\_. **O Futuro de uma Ilusão**. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FROMM, Erich. **O Mêdo à Liberdade**. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960. Tradução de: Escape From Freedom.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GODOI, Christian. **Os Sentidos da Violência – TV, Celular e Novas Mídias**. São Paulo: Realejo, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1998. Tradução de: Stigma – Notes on the Managements of Spoiled Identity.
- \_\_\_\_\_. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva: 1996. Tradução de: Asylums – essays on the social situation of mental patients and others inmates.
- GOLDENBERG, Mirian. **De Perto Ninguém é Normal – Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GOMES, Luís Flávio; PABLOS DE MOLINA, Antonio García. **Criminologia**. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

- HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip Hop Invadem a Cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- HIRTS, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em Questão**. Tradução: Wanda Caldeira Brant. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HOBBSAWM, Eric J. **História Social do Jazz**. Tradução: Angela Noronha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Tradução de: The jazz scene.
- IRWIN, William (Org.). **HIP HOP e a Filosofia**. Tradução: Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006.
- KARAM, Maria Lúcia. **De Crimes, Penas e Fantasias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Luam, 1993.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio** – ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Tradução: Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Antropos, 1983. Tradução de: L'ère du Vide.
- \_\_\_\_\_. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de :Le bonheur paradoxal – essai sur la société d'hyperconsommation.
- MACHADO, Roberto Cabral de Melo. **Nietzsche e a Verdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Nietzsche e a Polêmica sobre o Nascimento da Tragédia** – textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorf. Tradução: Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **A Dinâmica da Violência**. Tradução: Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987. Tradução de: Essais sur la Violence banale et fondatrice.
- \_\_\_\_\_. **Notas sobre a Pós- modernidade**: O lugar faz o Elo. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. Tradução de: Notes sur la postmodernité: Le lieu fait lien.
- MARIN, Isabel da Silva Kahn. **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.
- MARTINS, Rosana. **HIP HOP - O Estilo que Ninguém Segura**. Santo André - SP: Prima Linea, 2005.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche: Uma Filosofia a Marteladas**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Tradução: sem autoria. **A Ideologia Alemã** – Teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.
- MAZIERE, Francine. **A Análise do Discurso** – Teoria e Práticas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MICHEAUD, Yves. **A Violência**. Tradução: L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.
- MILLER, Arthur Isidore; **Insights of Genius** – Imagery and Creativity in Science and Art. London - England: The MIT Press, 2000.
- MORAES, J. Jota de. **O Que é Música**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NAVES, Santuza Cambraia Naves. **Da Bossa Nova à Tropicália**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Caso Wagner** – Um Problema Para Músicos; **Nietzsche contra Wagner** – Dossiê de um Psicólogo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução de: Der Fall Wagner. Ein Musikanten-Problem; Aktenstücke eines Psychologen.
- \_\_\_\_\_. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Tradução de: Die geburt der Tragödie oder griechentum und pessimismus.
- ODALIA, Nilo. **O Que é Violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- OLIVEIRA, Paulo Salles Oliveira (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 2001.
- PEDRAZZINI, Yves. Tradução: Giselle Unti. **A Violência das Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2006. Tradução de: La violence des villes.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Eric; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é a Nossa Arma** – Afroreggae nas Favelas do Rio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança** – Metamorfose da Ciência. Tradução: Miguel Faria; Maria Joaquina MachadoTrincheira. Brasília: UnB, 1991. Tradução de: La nouvelle alliance; métamorphose de la science.
- RAMOS, Alexandre Dias (Org.). **Mídia e Arte** – Aberturas Contemporâneas. Porto Alegre: Zouk, 2006.

- RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A sociedade contra o social**: o alto custo da vida pública no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RICHARD, Big. **HIP HOP – Consciência e Atitude**. São Paulo: Livro Pronto, 2005.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patricia. **HIP HOP – A Periferia Grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Um Discurso sobre as Ciências**. 11. ed. Porto: Afrontamento, 1999.
- SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Sulina, Edupcrs, 2002.
- SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. **Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- TOLSTOI, Leon. **O Que é a Arte?** Tradução: Bete Torii. São Paulo: Ediouro, 2002. Tradução de: What is art?
- VIRILIO, Paul. **A Inércia Polar**. Tradução: Ana Luísa Faria. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993. Tradução de: L’Inertie Polaire.
- WACQUANT, Loïc. **As Duas Faces do Gueto**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2008. Tradução de: The Two Faces of the Ghetto and Other Essays.
- \_\_\_\_\_. **As Prisões da Miséria**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Tradução de: Les prisons de la misere.
- \_\_\_\_\_. **Punir os Pobres – A nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia; Freitas Bastos, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Os Condenados da Cidade – estudos sobre marginalidade avançada**. Tradução: João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

## BIBLIOGRAFIA ELETRÔNICA

- BAY, Dora Maria Dutra. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. **Arte & Sociedade: Pinceladas num Tema Insólito**, N. 78. Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno78.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2009.
- ROVAI, Renato. **As Palavras Cortantes do Mano**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/Revista/1/mano.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2007.
- SUPLICY, Eduardo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BNHUsv7qWLo&feature=related>>. Acesso em: 02 jul. 2009.
- Entrevista com Mano Brown no Programa Roda Viva da TV Cultura. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/09/25/297875244.asp>>. Acesso em: 23 ago. 2009.
- FREUD, **Escritores Criativos e Devaneio**. Disponível em: <<http://www.psicobanalisis.org>>. Acesso em: 30 set. 2009.
- Grupo de Trabalho pelo Fechamento da Febem. Disponível em: <<http://www.geocities.com/fecharfebem>>. Acesso em: 05 set. 2009.
- Índice de Homicídios na Adolescência. Disponível em: <[http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id\\_content=594](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id_content=594)>. Acesso em: 13 ago. 2009.
- Informe Anual 2009 Brasil. Anistia Internacional. Disponível em: <<http://www.br.amnesty.org>>. Acesso em: 12 ago. 2009.
- PIMENTEL, Spency. **Livro Vermelho do Hip Hop**. Disponível em: <<http://www.centralhiphop.uol.com.br>>. Acesso em: 23 jul. 2009.
- Mano Brown - Entrevista. Disponível em: <<http://somakaos.blogspot.com/search?q=Mano+Brown>>. Acesso em: 17 ago. 2009.
- Mano Brown - Entrevista. Pimentel, Spency. Revista Teoria e Debate, nº 46, nov/dez 2000/ jan 2001. Disponível em : <[http://www.fpa.org.br/td/td46/td46\\_cultura.htm](http://www.fpa.org.br/td/td46/td46_cultura.htm)>. Acesso: 11 ago. 2009.
- Movimento Propaganda Sem Bebida. Disponível em: <[http://www.propagandasembebida.org.br/not\\_home/integra.php?id=81](http://www.propagandasembebida.org.br/not_home/integra.php?id=81)>. Acesso em: 22 jul. 2009.
- Rap Sai do Gueto. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/19980810/cult1/htm>>

FERREIRA, Maria Soares. **Poesia Brasileira: Cordel, Rap e Repente**. Disponível em: <[www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/112.swf](http://www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/112.swf)>. Acesso em: 19 jul. 2009.

ALSTEN, Philip. Relatório Especial de Execuções Extrajudiciais, Sumárias ou Arbitrárias. Disponível em: <[http://www2.ohchr.org/english/issues/executions/docs/A\\_HRC\\_11\\_2\\_Add\\_2P\\_ORT.pdf](http://www2.ohchr.org/english/issues/executions/docs/A_HRC_11_2_Add_2P_ORT.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2009.

FERREL, Jeff. Cultural Criminology. In: **Blackwell Encyclopedia of Sociology**. Disponível em: [http://www.sociologyencyclopedia.com/public/toctnode?query=jeff+ferrel&wide\\_n=1&result\\_number=1&from=search&id=g9781405124331\\_chunk\\_g97814051243319\\_ss1-172&type=or&fuzzy=0&slop=1](http://www.sociologyencyclopedia.com/public/toctnode?query=jeff+ferrel&wide_n=1&result_number=1&from=search&id=g9781405124331_chunk_g97814051243319_ss1-172&type=or&fuzzy=0&slop=1). Acesso em: 30 out. 2009

ARANTES, Priscila. Revista Teórica, Política e de Informação. Arte e Crítica Social em Adorno. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=40&cod\\_not=72](http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=40&cod_not=72)>. Acesso em: 17 jul. 2009.

São Paulo em Alerta. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0608200832.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2009.

Tortura é Sistemática nas Prisões do Brasil, Aponta ONU. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,tortura-e-sistemica-nas-prisoedo-brasil-aponta-onu,84562,0.htm>>.

Violência Física – Estatísticas. Disponível em: <<http://www.cecovi.org.br>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

<<http://www.zulunation.com>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tupac\\_sahaur](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tupac_sahaur)>. Acesso em: 07 ago. 2009.

<<http://www.2packer.com/rapper/2pac.html>>. Acesso em: 07 ago. 2009.

< [http://revistatrip.uol.com.br/revista/colunas/o\\_justo\\_e\\_o\\_injusto.html](http://revistatrip.uol.com.br/revista/colunas/o_justo_e_o_injusto.html)>. Acesso em: 07 ago. 2009.

ZENI, Bruno. **O Negro Drama do Rap**: entre a lei do cão e a lei da selva. Estudos Avançados vol. 18 n. 50, jan/abr, 2004. ISSN 0103-4014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&ped=50103-40142004000100020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&ped=50103-40142004000100020)> Acesso em: 23 ago. 2009

<<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL729867-7085,00.html>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

OLIVEIRA. **A Presença do Discurso Socialista na Poesia Rap**. Cadernos da Escola de Educação e Humanidades. ISSN 1807-8206. Disponível em:

<<http://apps.inibrasil.com.br/revista/index.php/educacaohumanidades/article/viewFile/55/48>.